

# AS NOVIDADES DA GUERRA ATUAL

Ten.-Cel. A. VASCONCELOS

A utilidade e a importância das comunicações na direção de uma campanha ficaram sobejamente evidenciadas no atual conflito mundial, apresentando-se cada vez mais em relevo em face da moto-mecanização.

E não podia deixar de ser assim quando se considera a complexidade do problema da guerra moderna, conceituação mais alta, de **guerra total**, envolvendo todos os potenciais de uma nação; cada beligerante empenhando-se a fundo e de qualquer forma pela destruição do adversário.

E, dessa idéia geratriz, surgiu a concepção dos instrumentos de guerra mais completos e poderosos, integrados pelas forças armadas de terra, do ar e do mar, constituindo um todo harmônico e indivisível, alicerçado no **potencial econômico** dos povos interessados que lhes alimentam, mantêm o nível de força inicial e procuram superar a potencialidade do antagonista para poder vencê-lo.

E' com esse espírito e finalidade precipua que se extremam os povos mais cultos e civilizados da época contemporânea, empenhando-se numa luta de verdadeiro extermínio de que é testemunho e espetáculo de ódio e de destruição que se estende já pelos 5 continentes do mundo. Nesse ambiente de luta gera-se uma mentalidade que domina e solidariza os 2 grandes grupos de nações que se degladiam, numa verdadeira competição de potenciais bélicos. Cada coalisão que se avoluma constantemente, mobiliza todas as suas energias e iniciativas para poder montar e acionar com maior violência e brutalidade suas máquinas de guerra que enxaameam já por toda parte desenvolvendo-se com rapidez surpreendente, dilatando os teatros de operações por todo o mundo.

É uma luta de vida ou de morte.

Há pois, campo para as maquinações mais diabólicas, justificando a deformação de todas as doutrinas ideológicas de **humanização** da guerra, a qual se apresenta sempre sob formas e métodos os mais implacáveis e radicais, desde que sirvam à consecução rápida do objetivo máximo: — a destruição do inimigo — visando o aniquilamento das forças armadas **mobilizadas** e a não **utilização** eficiente dos recursos nacionais ou dos aliados, segundo a nova doutrina da Economia de Guerra.

Como o potencial de uma Nação não está mais representado pelo seu instrumento de guerra (Exército de terra, do ar e Marinha), na conceituação da **guerra total**, mas expresso por ele, vinculado a todo o sistema econômico do país somado ao dos aliados (potencial humano, industrial, econômico, financeiro etc.) subtende-se uma organização adequada, para que em síntese possa exprimir aquele potencial.

E dessa organização, complexa por sua amplitude e multiplicidade, a direção geral da guerra, dentro do objetivo principal, tem suas preocupações constantemente orientadas sobre as comunicações do adversário, numa reciprocidade facilmente compreendida.

As comunicações terrestres, com o desenvolvimento e potencialidade da Aeronáutica, associada às G. U. blindadas e motorizadas, constituem como sempre os objetivos militares imediatos de um teatro de operações considerado e cada vez se tornam mais ameaçadas. Como uma consequência da superioridade aérea concebida por Douhet e bem executada por Goering e pelos russos, procurou-se realizar a sua acometida com um novo meio eficiente e rápido — o **paraquedista** apoiado pela I. do ar de que já demos notícia em outro artigo anterior.

Os resultados obtidos com o acionamento dêsse novo meio de agressão, em favor da rapidez das operações, podem ser apreciadas na frente oriental "Batalha da Polônia" e na "batalha da França" cujos êxitos espetaculares consagraram a técnica perfeita da "blitzkrieg" alemã. A experi-

ência da batalha da Grécia, culminada em Creta, merece igualmente reflexão e sugere ensinamentos preciosos, nesse sentido.

Na "batalha da Rússia" porém, os êxitos foram de certa forma reduzidos, quebrando-se o ritmo característico das operações germânicas pela ausência da surpresa, de um lado (os russos foram os idealizadores desse novo instrumento) e abundância de meios servidos por uma técnica bem conduzida e igualmente adestrada que suprimiu a condição de êxito — a superioridade aérea.

As reações contra esse novo processo de combater não se fizeram tardar. A par das medidas de defesa que se adotaram, visando particularmente interdizer a ação da aeronáutica na proteção e transporte dessas tropas especiais, surgiu, por assimilação da idéia clássica de segurança contra o inimigo terrestre, a ampliação dessas medidas no quadro estratégico.

Eis como se estabeleceu a noção de **segurança aproximada** e **afastada** contra os ataques aéreos às comunicações.

Para a **segurança aproximada** organizaram-se as escoltas especiais para os aerodromos, os órgãos de serviços, a guarda e vigilância das estradas. Essas tropas tem organização adequada e são aptas a defesa local e territorial contra os paraquedistas e agentes de sabotagem. Recentemente na Inglaterra crearam-se Regimentos, com a denominação de **Regimentos da R. A. F.** destinados a defesa local dos aerodromos, com organização especial, capazes de permitir o tiro anti-aéreo (bias. de mtrs.), o da arma automática contra o inimigo em terra ou no momento de aterrizar e ainda suscetível de realizar o policiamento local. É evidente que o seu Cmt. superintenderá os demais órgãos de defesa anti-aérea, na aplicação da doutrina vigente para a defesa costeira no tocante a organização do comando.

A **segurança afastada** está inteiramente aféta as forças aéreas e visa interdizer à aviação inimiga o acesso a essas comunicações pelo acionamento da Caça e dos bombardeiros

no ataque em terra. Domínio da aeronáutica. Daí a subordinação desses regimentos à aeronáutica.

Si é verdade que os alemães e russos tornaram-se os mestres na conduta das operações terrestres pela superioridade técnica e de potencial de seus instrumentos de guerra, cabe aos ingleses indubitavelmente a mestrança nos mares, pela superioridade marítima adquirida e cada vez mais ampliada.

Por vários motivos as comunicações marítimas assumiram para eles importância vital, ficando-lhes aféta a sua proteção e segurança, contra o inimigo implacável e sutil — **o submarino**. Os êxitos obtidos fogem ao limite dessa notícia além da carência de dados, para serem comentados.

Sem embargo, e porque o adversário utiliza em reduzida escala, certas comunicações, não tardou que, a semelhança dos paraquedistas, os ingleses engendrassem um novo meio de agressão às bases adversas comprometendo suas comunicações.

Eis que surgem os chamados "Comandos" costeiros que utilizam os mesmos processos e ardis dos paraquedistas, no cumprimento da missão geral que é comum.

Por esta forma, ensaiam também os ingleses sua máquina de invasão do território inimigo no continente, com a **vanguarda** constituída pelos "comandos" cuja organização já se mostrou eficiente no golpe de mão sobre Lofoten na Noruega, repetido mais tarde com a associação de paraquedistas na península itálica, renovado no litoral francês (entrada W. da Mancha), na Líbia, nas operações do rio Péntano, na Síria, em Creta e finalmente em Vaagao na Noruega com êxitos crescentes, pela ação combinada com as forças aero navais.

A organização desses "comandos" não é ainda conhecida em pormenores. Sua técnica de ação porém já foi descrita e vamos procurar compreendê-la.

Essa tropa não é outra cousa senão uma tropa de desembarque com a missão definida e limitada a realizar golpes de mão locais, procurando de surpresa e rapidamente incur-

sionar as comunicações, destruindo os órgãos essenciais de bases marítimas e instalações afins. Por isso, deve ser uma tropa especializada, de pessoal animado do mesmo espírito combativo e agressivo do paraquedista, para as ações individuais, como também afeito às operações aero navais sob cuja proteção atuam.

As unidades "dos comandos" são organizadas especialmente; comportam: "Pelotões de demolição" e Btls. de I." que lhes abrem caminho e apoiam durante a ação que é transitória.

Os "Pelotões de demolição" têm o encargo de promover as demolições e destruições em toda a instalação portuária e industrial da região atacada. Para isso, são armados com armas individuais de defesa, facões de mato, ferramenta de destruição, granadas de mão e petardos de explosivos.

As unidades de I. destinam-se a apoiá-los durante a ação, acolhê-los, conquistando inicialmente cabeças de praia.

Seu armamento é o normal da I., apenas com maior densidade de armas automáticas individuais e dotados de armas anti-carro. Sua distribuição, entretanto, não é conhecida.

Para a ação, os homens que integram os "Comandos" ingleses são embarcados e transportados, em unidade constituídas, pela Marinha. Pelas mesmas razões que os R. da R. A. F. são orgânicos na R. A. F., "os comandos" pertencem organicamente à Marinha, embora recebendo uma instrução militar mais apurada. Cada unidade tem um chefe que dirige a ação em terra, de preferência oficial.

Antes porém, como em toda missão de caráter militar, é preciso **preparar a missão.**

Esta consiste:

### 1) — Antes do embarque

a) — em uma revista rigorosa em cada homem que é dotado de uniforme adequado, capacete camuflado de estanho, túnica de couro, borzequins de sola do cordão ou envoltos em pano grosso;

b) — na identificação dos escaleres e “lanças mosquito” destinadas ao desembarque, as quais transportam unidades elementares completas;

c) — no carregamento dos escaleres com munições e explosivos necessários a ação dos Pelotões de demolição que vão ser transportados.

2) — **durante o transporte**

a) — a repartição das missões e tarefas a cada grupo de ações ou individuo segundo as circunstâncias;

b) — informações pormenorizadas do terreno de ação com croquis;

c) — retirada dos meios de identidade de cada individuo que chega a se despojar de insignias, documentos etc.

Como é natural, os desembarques em regra se efetuam ao cair da noite ou ao alvorecer pela procura de surpresa, fase essa de que se desencumbe a Marinha exclusivamente. Ao se aproximarem os navios do porto a atacar ou da base, os homens saem da coberta e se dispõem, um a um nos barcos que lhe foram previamente destinados. Os barcos são arriados logo que os navios diminuem a marcha, pela guarnição de bordo; já a esse tempo a aviação naval deve ter iniciado o ataque a aviação inimiga surpreendendo-a ainda em terra para evitar a sua reação e ao mesmo tempo lança uma cortina de fumo, capaz de mascarar a aproximação dos escaleres e a abordagem das praias, fase sempre crítica e análoga a do salto no ar dos paraquedistas. Simultaneamente a A. de bordo entra em ação produzindo a cabeça de praia de projetis em apoio ao desembarque das unidades de I. Os Pelotões de demolição ato contínuo entram em ação sobre a proteção e apoio das unidades de desembarque fazendo trabalho individual contra os objetivos previamente designados. Como os paraquedistas, eles também se dispersam em toda a área visada e podem ser desde o início conduzidos por grupos ou isolados.

Seus objetivos são as usinas elétricas, armazens, indústrias ou instalações industriais, depósitos de combus-

tível e tudo quanto possa ser utilizado militarmente. Os objetivos são repartidos por grupos ou Pelotões organizados sob a chefia de 1 oficial. Terminada a tarefa retiram-se ao abrigo da I. segundo itinerários previamente designados para se reunirem e reembarcar na mesma ordem.

Pela necessidade de rapidez dessas operações para que produzam a surpresa e explorem o efeito moral consequente faz-se mistér uma preparação meticulosa e um adestramento bem conduzido.

Enquanto dura a operação, isto é, até o reembarque cabe a Aviação e a A. de bordo uma ação conjugada e intensiva para diminuir os riscos e evitar as reações. É a proteção dos reembarques, agora mais exigente do que no início pela ausência da surpresa.

### CONCLUSÕES

Agora mais uma vez se corrobora o princípio consagrado nos regulamentos de antes da guerra de 1939 e sancionado com a prática do campo de batalha quanto ao emprego tático das armas.

“Só a ação combinada e em íntima ligação das armas ou meios de combate é capaz de produzir efeitos rápidos e duradouros no cumprimento de uma missão tática empreendida”.

Mas para consegui-lo é preciso adestrar a tropa, familiarizá-la, com os diferentes modos de ação, com o terreno que é desconhecido, com o meio ambiente, enfim instruí-la em conjunto para que essa máquina produza rendimento útil e eficiente. Corresponde ao ajustamento e a integração da máquina a acionar.

Não se trata pois, de qualquer enovação na arte da guerra. Os processos sim, são novos e correspondem aos meios em jogo. O que falta de modo geral, devemos notar especialmente, é a instrução de combate em conjunto, de combinação das armas, em que reside todo o segredo da preparação do soldado para a guerra, como artífice que é.

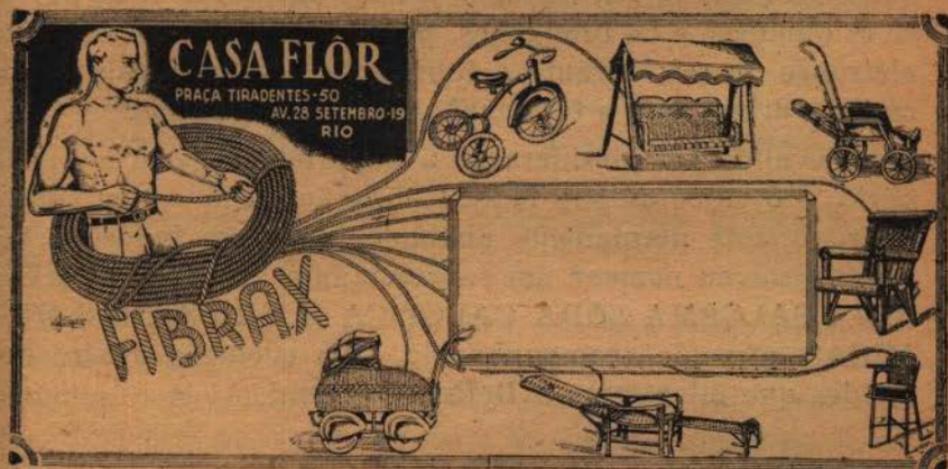
Trata-se de uma máquina que precisa ser conhecida pelo operário que a aciona para ter rendimento. Meditemos sobre os ensinamentos de agora e acreditemos na necessidade de orientar mais objetivamente nossa instrução de combate; façamos cumprir, mas cumprir com honestidade, os nossos regulamentos que são ainda bons e verdadeiros. O nosso R. I. Q. T. merece mais meditação e carinho por parte dos responsáveis pela instrução militar, para que os programas de instrução possam atingir o objetivo principal da instrução de combate da tropa que é a **frequência de exercícios combinados**, únicos que cream a verosimilhança da guerra. Só assim é possível incutir reflexos e confiança no trabalho conjunto, único que é eficiente e produtivo porque é difícil e prova a capacidade de direção dos chefes. O conflito atual está prenhe de exemplos. Convencimentos sobre a generalização da instrução de campanha no emprego das armas combinadas.

Não bastam as manobras de fim de período como praticamos, mas é preciso repetir constante e progressivamente no 2.º e 3.º períodos exercícios desse gênero, desde que a instrução de combate tenha atingido o suficiente adiantamento e se oriente para esse objetivo principal. É preciso insistir e insistir com arrogância mesmo, nessa necessidade para que possamos acreditar na guerra, e não nos surpreendermos por falta de preparação.

Só assim é possível vencer e não podendo vencer é preferível sucumbir a cooperar na derrota. A hora é decisiva e a ordem deve ser uma só: **cumpramos nosso dever!** mas convictos e animados dessa mística surpreendente do patriotismo que sobrepassa a todas as tendências dissociadoras do cataclisma social que destrói o mundo.

Esquerdistas, direitistas e centristas, na hora suprema da crise, irmanam-se e cedem lugar ao único argumento digno e legítimo de sua razão de ser como cidadãos da Pátria Comum. Essa tem sido a demonstração surpreendente da valorosa Rússia.

Nossa história repleta de gestos de abnegação e heroísmos não nos desmerece nessa prova final de nossa vida soberana, e pelo contrário, com essa força de coesão sejamos brasileiros sob a inspiração máxima de Caxias e tantos outros profetas do patriotismo e vigor nacionais.



EQUIPAMENTOS SONÓROS

**Sonelectra Ltda.**

Transmissão de voz e som

Aparelhos de controle e Amplificação — Intercomunicação

RUA SÃO JOSÉ, 85 - 4.º andar

Ed. Candelaria) — TEL. 42-8452

• Rio de Janeiro

## Salgêma, Matéria Prima Estratégica

Com a recente descoberta do Salgêma em Socorro, Estado de Sergipe, o Brasil, já tão rico em minerais, ganhou mais um, o que ocorreu em hora providencial, em virtude da relação existente entre o momento atual e as suas características, que o tornam digno de ser incluído entre as mais valiosas matérias primas estratégicas.

O salgêma, agora descoberto no Brasil, apresenta um teor tão elevado de cloreto de sódio (99,40 %), que o coloca em 4.º lugar na classificação mundial deste minério.

O salgêma, que é a base da indústria pesada de produtos químicos alcalinos, é, também, a base da indústria de agressivos químicos e de fumígenos, pois é o cloro desprendido na eletrólise do sal, durante a fabricação da soda caustica, a matéria prima para a fabricação de tais substâncias.

Levando em consideração a importância deste novo minério, e o valor de sua industrialização bem orientada, o Exército, este permanente animador de nossa indústria pesada, resolveu nomear um representante junto à COMPANHIA SALGÊMA SÓDA CAUSTICA E INDUSTRIAS QUÍMICAS, afim de acompanhar a sua evolução dentro dos moldes que interessam à Defesa Nacional.

### Companhia Brasileira de Usinas Metalúrgicas

"End. Telegr. METALUSINA" — Telefone 23-4863

USINA DE NEVES — Tel. 8016 — FUNDIÇÃO NACIONAL — Tel. 22-3025

Grande Laminação de Ferro e Aço — Fundição de Ferro e Bronze — Fábrica de Pregos para Trilhos, Parafusos, Rebites, Porcas, Peneiras de Ferro, etc.

Fundição de Ferros de Engomar. Balanças, Louças de Ferro Estanhado. Fundido e Batido para Cozinha — Canos de Chumbo para Água e Gaz. — Estamparia de Ferro, etc. — Todos os seus Produtos têm a marca registrada — "ESTRELA"

Usina de Morro Grande — Estação de Morro Grande — MINAS

Altos Fornos para Produção de Ferro Gusa

Escritório: RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 69 — RIO DE JANEIRO